

A PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (*)

Cidmar Teodoro Pais

Quero em primeiro lugar agradecer ao Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, pelo amável convite e a disposição de “sofrerem-me”, como se diz em latim, por meia hora. Queria aqui apresentar a área de Pós-Graduação em Lingüística que funciona este ano. Antes de mais nada, é bom lembrar que nos outros anos e desde 1960, houve uma Pós-Graduação em Lingüística Românica e Indo-Européia e a partir de 1968 também uma de Lingüística Geral, pós-graduações que funcionavam com um número razoável de alunos e que tinham uma estrutura sólida, um pouco diferente da atual, mas com muitos contatos com ela, a tal ponto que vários desses cursos foram revalidados como créditos para o novo regime. Já existe, trazida por professores europeus que vieram em 1934 para a USP, uma tradição de pesquisa que permitiu (para falar apenas do último triênio) que nós tivéssemos um concurso de cátedra, dois de livre docência, uns seis de doutoramento e uns oito mestrados pelo “regime antigo”. Começamos este ano um novo projeto de acordo com as normas federais, que são exigentes, e de acordo com uma Portaria do Reitor da USP que conseguiu ser ainda mais exigente. Um dos problemas que se põem gravemente para qualquer Pós-Graduação em Lingüística no Brasil é a inexistência de uma estrutura acadêmica que forme lingüistas em cursos de graduação. Nós não temos ainda no Brasil nenhuma licença de Lingüística, tal como existe, por exemplo, na Universidade de Paris, na Universidade de Aix-en-Provence, Strasburgo, Besançon, Montpellier, e outras.

(*) Texto retirado das fitas de gravação, sem revisão do Autor.

Atualmente há três projetos de criação de Licenciatura em Lingüística no Brasil: o da Universidade Federal de São Carlos, o da Universidade Estadual de Campinas e o da Universidade de São Paulo.

Enquanto não dispusermos de uma licença de Lingüística, teremos de aceitar como material de trabalho as pessoas formadas em Letras, e que tiveram às vezes um ano de Introdução à Lingüística com três aulas semanais. Na USP temos dois anos de Lingüística no curso de graduação, o que não é suficiente para permitir um curso de Pós-Graduação que não seja de iniciação. Nós não temos um curso propedêutico como o Rio de Janeiro, temos um regime de adaptação, realizado no curso de graduação, em geral no quarto ano de Lingüística.

Passarei agora a apresentar nosso curso. Nós temos um regime que se compõe de pesquisa e cursos. Todo aluno deverá fazer uma série de cursos semestrais, chamadas disciplinas semestrais, distribuídas pela área central e pelas áreas complementares. As áreas complementares têm como objetivo completar a formação do aluno em vista à elaboração de uma tese e impedir a formação do especialista que sabe quase tudo sobre quase nada. A Faculdade de Filosofia da USP tem 22 áreas de Pós-Graduação e todas estas áreas oferecem disciplinas centrais para eles e que são complementares para nós. Além disso, há alunos nossos fazendo complementares no Instituto de Psicologia, no Instituto de Educação, no Instituto de Matemática. Entre as disciplinas complementares contamos mais ou menos com 60 matérias em campos tais como Língua Portuguesa, as outras línguas e literaturas, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia, a Matemática, a Geografia, a História, etc. Apenas para dar alguns exemplos eu lembrarei que uma das associações mais espontâneas procurada pelos próprios alunos é a de Lingüística e Teoria Literária. Há alunos que fazem, por exemplo, curso de Lógica ou de Semiologia no Departamento de Ciências Sociais. Há alguns que estão em Matemática. De modo que cada um escolhe as complementares de comum acordo com o orientador, e considerando a sua linha e a sua preferência. Uma série de cursos que entrarão a partir de setembro, constituem a complementação mais natural à Lingüística no Brasil, que é a série de Língua Portuguesa. Só aí nós teremos mais 8 complementares, de modo que a nossa lista vai se alongando.

Na área central nós oferecemos este ano um elenco ainda limitado de 14 opções — aqui vou apenas ler, porque os interessados depois podem endereçar-se à USP e nós mandaremos uma apostila mimeografada com esses cursos, os programas e uma ficha dos docentes, que é um currículo abreviado, para que o aluno possa bem escolher o seu orientador. A lista este ano — esta lista muda todos os anos — compõe-se de 14 opções: 1) A Contribuição Linguística do Cristianismo na România, 2) Algumas Grandes Tendências da Linguística Contemporânea, 3) . . . Gramática Transformacional, 4) Análise das Inovações Cristãs no Vocabulário Românico, 5) Aspectos da Etno-Linguística, 6) Unidade Mínima Semântica-funcional, 7) Estudos de Estrutura do Romeno, 8) Fonética e Fonologia, 9) Lexicologia Estrutural, 10) Modelos de Psicolinguística, 11) Problemas e Métodos da Sociolinguística, 12) Problemas de Lexicologia, 13) Problemática das Línguas Indígenas Brasileiras, 14) Problemática do Estudo do Tupi, 15) Psicolinguística e Linguagem. Os alunos devem escolher 4 deles para compor o elenco de cursos centrais de Mestrado ou 6 no caso de Doutorado. Tais cursos não definindo os campos da Linguística que nós estamos oferecendo: Linguística Românica, Linguística das Línguas Indígenas, Sociolinguística, Psicolinguística e Linguística Computacional. Para isso nós contamos este ano com 7 docentes, dos quais um é Professor Titular, o Prof. Isaac Nicolau Salum, que cuida da Linguística Românica, dois livre-docentes, um deles em Antropologia Linguística que é o Prof. Carlos Drummond, em Etnolinguística e em Línguas Indígenas o Dr. Erasmo de Almeida Magalhães, em Sociolinguística o Dr. Paulo A. A. Froehlich, em Psicolinguística a Prof.^a Doutora Geraldina Ritter, do Instituto de Psicologia, em Sintaxe a Dra. Maria Tereza Camargo Biderman, e finalmente em Linguística Geral, em Fonética e Fonologia e Lexicologia Estrutural o autor desta comunicação.

Os cursos atrás mencionados são desvinculados do orientador; se o orientador achar que o aluno não deve fazer nenhum curso dele e mandar fazer só os dos outros, pode. Os cursos constam de aulas teóricas semanais, seminários de discussão e grupos de trabalho.

Além dos cursos, o aluno faz pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica e tem seminários de pesquisa e colóquios. O seminário de pesquisa é uma cópia do "Séminaire du Troisième Cycle" da França em que cada semana, em princípio, um mes-

trando ou doutorando faz a apresentação da sua pesquisa aos colegas. Fala da bibliografia, dos métodos, dos planos, do que encontrou, das dificuldades, durante 40 minutos, após o que, recebe as críticas e sugestões dos colegas durante duas horas.

Previamente a esta fase, há uma orientação coletiva em que se ensina aos alunos como fazer pesquisa, como estudar, como fazer pesquisa bibliográfica, como levantar os dados, como organizar um fichário, como tratar esses dados e até como planejar a redação da tese, o que não impede que os alunos tenham entrevistas individuais semanais ou de 15 em 15 dias, dependendo do ritmo de cada um.

É claro que para fazer pesquisa bibliográfica, de campo, assistir aos cursos — cursos que têm carga horária grande, porque incluem aulas teóricas e seminários e grupos de trabalho para os trabalhos de laboratório, quando é o caso, e para a redação da tese, o aluno precisaria fazer o curso em tempo integral, se quisesse aproveitar-se do regulamento que lhe permite defender o mestrado num ano, o doutorado em dois. Teria então que dar mais ou menos 50 horas semanais de trabalho, sendo 30 destas na Faculdade. Caso só disponha de um dia por semana, levará quatro anos, e dois anos se dispuser de dois dias por semana. Em suma, o currículo apresenta características de flexibilidade no que toca à escolha dos cursos e no que toca ao ritmo que o candidato imprime às suas pesquisas.

Quanto a equipamentos, estamos instalando um Laboratório de Fonética com aparelhos ingleses modernos. O Laboratório permitirá a separação do atual curso de Fonética e Fono-logia em dois: Fonética Experimental e Fono-logia.

Entre os temas ora em desenvolvimento enumerarei os seguintes: “A Neutralização Taxo-Sêmica no Verbo”, “Problema do arquilexema, arquitelexema”, “A Acultura Japonesa em São Paulo”, “O Tratamento do Léxico feito em Computador”, “Tratamento Fonético-Fonológico, Regional”, tivemos uma tese de Fono-logia feita com métodos matemáticos, com aplicação do teste de Pierson, e ainda “O Desenvolvimento Fonético-Fonológico na Criança”.

A respeito da distribuição dos créditos, computamos 15 horas por crédito. Os alunos devem fazer para o mestrado 120 créditos, isto é, 1.440 horas e para o doutoramento 240

créditos ou 2.880 horas no mínimo. Dessas horas, no caso do mestrado, temos a seguinte distribuição: 30 créditos ou 560 horas, para cursos na área central e complementar, 30 créditos (560 horas) para a apresentação da tese (redação), e outras 60 para pesquisa bibliográfica, de campo, busca e orientação de dados, leituras programadas, participação em seminários e colóquios, inclusive estágios no estrangeiro ou outras Faculdades igualmente credenciadas no Brasil. No caso de doutoramento temos 240 créditos, dos quais 40 em curso, 100 de pesquisa (de campo, tratamento de dados e atividades subsidiárias, consultas às bibliotecas) e 100 pela apresentação da tese. A tese de mestrado é defendida perante banca de três membros, a de doutoramento permite 5, cada qual argüindo durante meia hora, prorrogável a critério da banca. Antes de passar à defesa de qualquer tese, há um exame de qualificação em que uma banca de 5 doutores examina o aluno a respeito dos cursos que ele fez. São cursos de qualificação. E há exigência, para mestrado, de proficiência em uma língua estrangeira (Alemão, Inglês ou Francês) e no caso de doutorado, duas línguas.

Contamos atualmente com 70 candidatos, dos quais alguns, tendo o mestrado velho, portanto, tendo já 120 créditos, partiram para o doutorado (mais ou menos uns 8) e os outros fazem mestrado. Acreditamos assim, ter uma perspectiva de produção para daqui a dois anos, de cerca de 10 defesas de tese de doutorado no ano que vem e mais 10 no outro, e mestrado em número um pouquinho maior.

Eu queria relembrar dois aspectos que me parecem importantes num país como o nosso, em que as verbas são magras no que toca ao ensino e à pesquisa.

O primeiro é que nosso curso de pós-graduação em Lingüística foi criado com docentes doutores, todos já em tempo integral e que ganhavam o mesmo ordenado sem o curso de Pós-Graduação, ou ganhando ordenado idêntico depois do curso de Pós-Graduação. De modo que a Lingüística, como todas as outras, foi criada sem ônus, sem nenhuma alteração orçamentária, com grave prejuízo para os docentes.

O segundo aspecto que creio ser mais importante é que é perfeitamente utópico querer mandar para o estrangeiro todos os professores ou futuros professores de Lingüística de todas as faculdades do Brasil. Isso custaria uma fortuna,

cerca de trezentos dólares mensais, para cada aluno. Por ora só se pode enviar os mais bem dotados, na esperança de que venham a integrar nossa equipe de trabalho. Eis aqui, em síntese, como tem sido o curso de Pós-Graduação em Lingüística na Universidade de São Paulo.

INTERVENÇÕES

1. Tizuko Yokoyama: Quais são os requisitos exigidos para admissão no Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de São Paulo?

R. — Publica-se inicialmente um edital pelo Diário Oficial, convocando os candidatos. Na Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, o candidato preenche formulários, indicando que Orientador gostaria de ter, escolhendo-o de uma lista que lhe é apresentada, e anexando seu curriculum vitae. De posse das inscrições, cada Orientador ou recusa *in limine* o candidato, ou marca com ele uma entrevista, por meio da qual verifica seu nível intelectual, vocação, inclinação para a pesquisa e motivações para o curso. O candidato pode ser aceito com ou sem exigências de complemento de sua formação — o que se faz em cursos avançados de graduação. Após a aceitação, o Orientador deve comunicar sua escolha à Comissão de Pós-Graduação, à qual incumbe ratificar ou não a matrícula.

2. Dalton Girotti: Como encara os cursos de Especialização em Lingüística desenvolvidos no Interior? Tais cursos valem créditos num programa de Pós-Graduação?

R. — É preciso distinguir os interesses dos cursos de Especialização daqueles dos de Pós-Graduação. A Especialização está voltada para a melhoria do nível do candidato enquanto professor secundário, enquanto que a Pós-Graduação destina-se à formação e aperfeiçoamento do professor universitário. É importante que se multipliquem os cursos de Especialização para que possa haver uma divisão mais adequada dos interesses dos candidatos; atualmente, a inexistência de Especialização na USP implica, em parte, numa demanda maior dos cursos de Pós-Graduação, por candidatos nem sempre interessados na vida universitária. Por tudo isso, e ainda à vista de exigências do próprio Conselho Federal de Educação, os cursos de Especialização não podem contar créditos para os de pós-graduação, a despeito de seu nível. A única relação entre esses cursos está em que um candidato com Especialização tem maiores possibilidades de ingresso na Pós-Graduação.

3. Suzana Camargo: o Centro Residencial da Universidade de São Paulo, CRUSP, hospeda alunos pós-graduandos?

R. — Sim; e podem também tomar refeições no restaurante universitário.